

A Mística da Pedagogia do Amor: do afeto aos limites

Alecson Marcon¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo abordar a ideia de que Paulo Freire foi um extraordinário líder. Dedicou toda sua vida na divulgação da pedagogia do amor, através de ações concretas, inspiradas na dimensão social, ética e crítica-reflexiva. Paulo Freire conseguiu liderar uma equipe de educadores e educandos de forma carismática e com uma gestão voltada para a transformação social através da pedagogia do amor. Essa liderança viva e explícita na educação do e pelo amor caracteriza a dimensão pessoal, social e carismática de Paulo Freire. Essa proposta ainda marca a existência de Paulo Freire como um grande educador, pois suas ideias motivaram novos líderes a serem multiplicadores do olhar integral do ser humano. Ele mostra de como é possível transformar discursos em ações práticas. Sua postura demonstra que a educação, por meio da pedagogia do amor, pode purificar as almas e enobrecer o coração dos que estão em situação de opressão e exclusão, pois o contato sereno, afetuoso e amável é visto como princípio que norteia a pedagogia de Paulo Freire.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire. Educação. Pedagogia do Amor. Mística. Ética.

¹Aluno do Mestrado em Gestão Educacional pela UNISINOS, diretor da Rede de Ação Social Murialdo de Porto Alegre.

1. Mística

Movo-me como educador, porque, primeiro, me movo como gente.

Paulo Freire

O significado da palavra mística é visto como um fenômeno universal. É o mistério do ser humano na sua totalidade, na sua transcendência e no seu agir. Etimologicamente o termo mística provém do verbete *mistikós* e do adjetivo *múein*, que quer dizer: fechar os olhos e a boca. A educação é um fenômeno místico na sua essência. Seu caráter está no fenômeno da aprendizagem, no seu mistério do ensinar e do aprender, dimensões ambíguas, mas compreensíveis enquanto fenômeno estruturante e estruturado.

O educador ao revelar-se enquanto sujeito do seu agir, terá que fechar a boca para a ignorância e a soberba e abrir os olhos para a ética, a transparência, a amorosidade e para a beleza do ato de ensinar. A mística deve ser entendida como a mola que impulsiona para a motivação do início ao fim de cada ato de educar.

No contexto da aprendizagem o tema da mística está (inter) ligado a duas dimensões muito discutidas por Freire: a alegria e a esperança.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podem aprender ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria (FREIRE, 2015, p. 70).

Essa relação entre a alegria e a esperança é o movimento dialógico que deve pautar o ato de ensinar e aprender. É neste “chão sagrado” que se estabelece a mística para a concretização da pedagogia do amor. O universo não está pronto ou acabado é preciso entendê-lo para transformá-lo. A mística não deve ser vista ou interpretada de forma apriori determinada. A magia está na construção e no diálogo entre os atores do cenário educativo, seja qual for ele (educação formal, educação não formal, educação informal, educação popular). Como menciona Freire: “a educação é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário...” (2015,

p. 70). Arrisca-se a dizer que a esperança é um “mal” necessário para a efetivação da mística ou do ato místico.

A mística é um ato divino e de crença humana. O sujeito é dotado de possibilidades e dons. Os seres humanos devem ser os guardiões da mística divina e fazer delas um oásis de fenômenos criativos e solidários. Novamente Freire nos lembra: “A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica.” (2015, p. 71). Denota-se na frase a dimensão histórica. A historicidade é a marca de qualquer ser humano. Sua vivência é dotada de sentimentos e sentidos. A mística não pode ser encarada como um abismo. É preciso ter utopias místicas para a vivência dialógica no âmbito da educação. Freire deixa bem claro que não existe educação sem diálogo (2013, p. 95). O diálogo é um ato místico quando educador e educando se tornam um só na condição de aprender. É na relação humana que se expressa à mística educacional. Como diz Freire:

É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador educando com educando educador (2013, p. 95).

Essa simbiose poética e humana caracteriza o processo da aprendizagem. A dimensão existencial implicada nesta relação é que dá forma no processo educativo, onde o educando e o educador está um no outro e não só com o outro. Nesta dimensão amorosa e recoberta de esperanças é que acontece o existir, por meio do outro, de forma dialógica e amável. Aí se pode dizer que a mística de fechar a boca para o inaceitável e abrir os olhos para o aceitável, é que se vive o verdadeiro momento místico. Mario Quintana brinda com um poema sobre as utopias:

Das Utopias – Se as coisas são inatingíveis... Ora! Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora a presença distante das estrelas! (2015, p. 47).

Paulo Freire foi um mestre e um líder da e na educação, e seus ensinamentos versavam sempre na lógica da amorosidade e do afeto. Não era ingênuo ou simplório na condução do ato de educar. Demonstrava autoridade e clareza nas suas ações. Sua mística era pautada pela tolerância, compaixão, diálogo, franqueza e outras virtudes de um homem místico (não em uma condição sobrenatural) e esperançoso. A ousadia era outra dimensão mística em Freire.

Ele é a certeza de que a educação alicerçada no amor é fundamental para um caminho de transformação e solidariedade. Sabe-se que Freire acreditava no potencial de cada educando sem demagogias. Ele sabia que a transformação social e ética só aconteceriam se a centralidade

de toda a ação mística estivesse no sujeito e não no objeto ou na ferramenta que fosse utilizada para o processo educativo. Uma educação vivenciada na singularidade e pessoalidade em prol de um coletivo foi à proposta de Freire e assim ele apresenta:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado (2015, p.63).

A mística da utopia de um mundo melhor é possível de se tornar realidade através dos sonhos de todos os educadores e educandos. Essa dimensão dialógica entre educando e educador é o caminho para a relação de uma sociedade capaz de superar suas vulnerabilidades e preconceitos. Não precisa de diferentes hermenêuticas para compreender que o amor, aliado à educação do coração, torna-se a grande magia da pedagogia do amor.

2. A Pedagogia do Amor

Em um contexto de muita ética, pesquisa, amorosidade, afeto e disciplina estão inseridos Paulo Freire. Nesta vivência dinâmica e dialógica é que se faz nascer à beleza do processo de ensinar e do aprender.

Vivenciar a prática da pedagogia do amor favorece a educação na construção de educandos equilibrados no que tange o afeto, o conhecimento, a emoção e a espiritualidade.

A pedagogia do amor tem um caráter do cuidar da pessoa na sua totalidade e na sua integralidade. Na pedagogia do oprimido Freire afirma: Ninguém educada ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, midiaticizados pelo mundo (2013, p. 96). É nesse processo dialógico que acontece a dinamicidade da pedagogia do amor. Os atores do ato de educar evidenciam essa cumplicidade quando internalizam o princípio ético do amor. Paulo Freire (2013, p. 98), ao analisar a questão da educação e libertação escreve:

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.

É nesse contexto da prática libertadora que emerge a pedagogia do amor. O educador deve estar atento aos sinais dos tempos para entender que realidade o circunda. A prática da libertação será alcançada quando os princípios humanitários, a paixão para ajudar o ser humano a desenvolver-se plenamente e a esperança na potencialidade do outro, forem vivenciados. É fundamental entender que é uma honra para o educador poder contar com corações para serem amoldados. O educador deve se apresentar diante do mistério da vida do educando com muita humildade e grande amor. É na alegria, na curiosidade, na simplicidade que o educador encantará a vida do educando. Freire salienta que onde há vida, há inacabamento (2015, p.50). As crianças são o testemunho da vida e do processo de inacabamento. O mistério da vida da criança está presente na sua essência como um ser completo de possibilidades. Freire deixa claro que a “concepção antropológica é marcada pela a ideia de que o ser humano é um ser inacabado; não é uma realidade pronta, estática, fechada. Somos um ser por fazer-se; um ser no mundo e com os outros envolvidos num processo contínuo de desenvolvimento intelectual, moral, afetivo” (2010, p.221)². É nesse contexto que encontramos a pedagogia do amor. Uma pedagogia que abarca o sentido mais amplo e integral do ser humano.

Educar exige emoção. O educador que educa com emoção consegue enxergar no educando a potencialidade que este carrega em sua essência. Educar é possibilitar ao educando condições de realizar seus objetivos, superar suas limitações e realizar seus sonhos. Freire salienta:

Ninguém pode conhecer por mim, assim como não posso conhecer pelo aluno. O que posso e o que devo fazer, na perspectiva progressista em que me acho, são, ao ensinar-lhe certo conteúdo, desafiar-lo a que se vá percebendo na e pela própria prática, sujeito capaz de saber (2015, p. 121).

Essa é a síntese da missão de educar com amor. Quem educa com emoção e amor tende a conduzir o outro à transcendência. O educador é a pessoa que usa de sua plenitude para preparar os educandos para a vida e para os desafios, que essa, lhes reserva e exige. O educador deve na sua totalidade fortalecer em cada educando a paixão pelo aprender. É na mediação dialógica que se dará a verdadeira pedagogia do amor. Essa mediação deve ser vivida por meio da emoção, do carinho e do afeto. Na pedagogia da autonomia, Freire acentua essa dimensão da mediação do educador.

²TROMBETTA, Sérgio e Luís Carlos. Dicionário Paulo Freire. Verbete - INACABAMENTO. Belo Horizonte, autêntica, 2010.

Outro saber necessário à prática. É o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo (2015, p. 58).

Uma atividade ministrada com emoção torna-se uma ação executada com entendimento. Nada se realiza se não passar do cérebro para o coração. Educar por meio da pedagogia do amor é educar com emoção, com paixão, entusiasmo e alegria na prática pedagógica.

O educador que prepara e ministra sua aula deve oportunizar situações-problema dentro do assunto proposto (contextualização), de forma que os educandos possam pensar, ler, experimentar, criar, recriar e descobrir situações novas para solucioná-las. Neste contexto, o educador trabalha com o emocional dos educandos, proporcionando a eles a possibilidade de descobertas, vivenciar emoções, aguçar a criatividade, oportunizar sensações, verbalizar saberes, internalizar conceitos, fazer leituras do cenário do mundo, inquietar-se, provocar-se acerca do contexto que os envolve. Freire apresenta na pedagogia da autonomia essa dimensão ética da pedagogia do amor, enquanto sujeito partícipe e construtor de um mundo mais justo e solidário.

A invenção da existência envolve, repita-se, necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em nível mais profunda e complexa do que o que ocorria e ocorre no domínio da vida, a “espiritualização” do mundo, a possibilidade de embelezar como de enfeitar o mundo... Só os seres que se tornaram éticos podem romper com a ética (2015, p. 51).

A existência no mundo e pelo mundo é que fundamenta a essência da vida. As pedagogias, no seu ato de cuidar do outro, corroboram na construção desse mundo mais humanizado. São as filhas e os filhos do mundo em busca de paz. A verdadeira mística da pedagogia do amor é fazer com que os educadores transformem os sonhos dos educandos em conquistas, por meio da pedagogia da esperança, onde o educando é ajudado, é mediado a memorizar o sucesso para sanar as feridas desse mundo em crise.

3. Do Afeto aos Limites

A educação é um assunto complexo para se discutir, principalmente nos dias de hoje. Ao mesmo tempo, é impossível desinteressar-se da educação, quando nos preocupamos com o crescimento do ser humano. Um dos desafios de hoje, diz respeito à falta de energia educativa por parte dos educadores. Parece haver uma tendência em desistir do empenho educativo sério. No fundo têm-se o medo de nos tornarmos conscientes de que nos falta energia educativa, que só a possuiremos se primeiro nos deixarmos educar verdadeiramente. Nesta ótica pode-se entender que somos seres inacabados em constante aprendizagem, inclusive nas situações-limites. Freire corrobora acerca dessa ideia na pedagogia do oprimido.

Esta superação, que não existe fora das relações homens-mundo, somente pode verificar-se através da ação dos homens sobre a realidade concreta em que se dão as “situações-limite” (2013, p. 126).

Para realizar essa capacidade de libertação humana são necessários adultos de atitudes verdadeiras e apaixonadas. Precisam-se tornar adultos, porém, precisam-se permanecer fundamentalmente “como crianças” para não cristalizar a mente e o coração. O afeto é fundamental e faz-se necessário para ajudar os educandos a superar suas situações-limite de forma autônoma, crítica, transparente e espiritualmente. Freire enfatiza que dessa forma, o próprio dos homens é estar, como consciência de si e do mundo, em relação de enfrentamento com sua realidade em que, historicamente, se dão as “situações-limite” (2013, p. 126).

No ato de ensinar é fundamental manter a palavra, ter disciplina (para si e para o outro), dotadas de sabedoria e coragem. Freire nos orienta que ensinar é uma especificidade humana (2013, p. 89). Sendo uma condição humana o ato de ensinar, é fundamental ter autoridade, afeto e disciplina.

É a segurança que se expressa na firmeza com que atua com que decide com que respeita liberdades, com que discute suas próprias posições, com que se aceita rever-se (FREIRE. 2013 p. 89).

O caminho para superar as dificuldades da aprendizagem de forma consciente e ética, se dá através do afeto, do doar-se sem merecimento em troca, da prática do amor de forma ágape, sem perder a autonomia, a disciplina para superar os limites. Quando o educador ama, ele não doa, mas sim, recebe. Essa é a máxima da generosidade, dar para receber. Recebe-se a docilidade do olhar do outro que pulsa por envolver-se na imensidão do afeto e do carinho. Uma dimensão poética. Freire nos alerta que para mover-se como educador é fundamental primeiro, mover-se como gente (2013, p. 92).

Simplicidade, afabilidade, firmeza, são o eixo central do conjunto de atitudes que estão subjacentes à pedagogia do amor. A serenidade da relação, o calor humano, o clima de confiança, a escuta, o respeito mútuo, o bom humor são geralmente as condições que proporcionam aos educandos a vontade de abrir-se, encontrando um espaço próprio na relação e podendo contar com os educadores dispostos a ajudá-los a sair de situações de dificuldades pessoais e sociais.

Referências

AYALA, Walmir. **ANTOLOGIA POÉTICA**, Mário Quintana. Rio de Janeiro; Nova fronteira Editora, 2015.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA**. Saberes Necessários à Prática Educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 2015.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 2013.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. São Paulo: Autêntica Editora, 2010.